

Dirceu Borges. *O Talismã das Amazonas*. São Paulo, Iluminuras, 1988. 230 páginas.

O assassinato do pai de Albaninha estremece o sertão, no Acre profundo, e deixa um enigma: quem ficou com sua riqueza, com o talismã? Correm os anos da Segunda Guerra Mundial. O ciclo da borracha e as novas articulações de poder e seus reflexos sobre o coronelismo do interior presidem um enredo que aproveita técnicas do romance policial, da frase publicitária e, sobretudo, de um novo modo de narrar, marcado por emocionante respeito ao leitor.

Dirceu Borges, que já nos deu romances ousados, tanto nos temas, quanto no modo de tratá-los, de que são bons exemplos *O Ídolo de Cedro*, *Os Sons sem os Sinos* e *O que Você Vai Fazer em Dezembro?*, segue neste seu mais novo romance uma aventura de linguagem deflagrada ainda em sua estréia e saudada com entusiasmo por diversos críticos.

Em que consiste o trabalho desse ficcionista que desperta a admiração de analistas literários e a parceria dos leitores? Duas marcas são óbvias: uma atenção cuidadosa ao seu tempo e uma poderosa imaginação na hora de flagrar o seu país. Assim, faz uma ficção que registra tempos e espaços específicos como se fosse um documento, de onde extrai personagens-ícones, edificadas com uma competência e um desempenho realmente raros na prosa brasileira contemporânea. Mas, ao mesmo tempo, consciente de que a literatura não é espelho e escritor não é fotógrafo apenas, Dirceu Borges mescla tudo o que pesquisa num trabalho dos mais inventivos, encantando o leitor com diálogos hábeis, narração bem movimentada e um raro poder de síntese.

A ficção, nesta parte da América, faz outra História, como se sabe. Se em *O Ídolo de Cedro*, Dirceu Borges revelou aos leitores uma nova face da imigração entendida como turco-sírio-libanesa, num enredo imaginoso, que atava as duas pontas da vida, através de um par de personagens muito bem concebido (um homem e um menino), agora

em *O Talismã das Amazonas* a ação tem outra cor local e outros são os usos e costumes resgatados num grande esforço de pesquisa que, entretanto, não aparece, a não ser, como é óbvio, em seus resultados. Com efeito, o autor deixa São Paulo e desloca-se para o extremo norte do Brasil, mais especificamente o Acre.

Ali, num cenário absolutamente novo em nossas letras, a jovem Albaninha vive seu drama, abandonando a quem ama para casar-se com quem não ama, devido às artimanhas do destino. Maurício vai encontrá-la nos braços de um prefeito doido e lúcido, mas em seguida a sempre-amada está envolvida com um poderoso empresário da cocaína, refinada nas matas do Acre. Porém, muito mais importantes do que este enredo e o caminho novo que Dirceu Borges abriu na literatura brasileira, são os atalhos que ele inventou. Mistura figuras lendárias com personagens históricos. Atento ao real das coisas, não esquece a vereda vertiginosa de uma experiência já antológica, mas pouco conhecida: a de Santo Daime, com toda sua carga de alucinação e nova via de conhecimento.

O Talismã das Amazonas consolida Dirceu Borges como um de nossos melhores e mais inventivos escritores. Ao ler este romance, lembrei-me de uma passagem dos diários italianos do escritor italiano Cesare Pavese, que define o trabalho dos ficcionistas contemporâneos nestes termos: eles seriam os monges da idade burguesa. Com a diferença de que os antigos monges copiavam para preservar e estes inventam com o mesmo fim.

Deonísio da Silva
Universidade de São Carlos